



FORMAÇÃO TALIESINIANA · APOSTILA 08



CERRIDWEN E TALIESIN

Metamorfoses e Renascimento

Os Três Mundos e o nascimento de Taliesin

Sérgio Lourenço



CERRIDWEN · AWEN · HERNE





A sabedoria em transformação

As três gotas de Awen iniciam uma mudança, mas não encerram a jornada. Gwion recebe a sabedoria e ainda precisa atravessar experiências capazes de integrá-la à própria existência. As metamorfoses, a gestação no ventre de Cerridwen e o encontro com Elphin mostram que receber conhecimento e aprender a vivê-lo são movimentos relacionados, que exigem tempo e passagem.

A continuidade do mito reúne a arte mágica, imagens de um substrato xamânico e os ciclos da natureza. Sua sequência pode ser compreendida como uma representação simbólica da Roda do Ano: a vida muda de forma, atravessa recolhimento e expansão, conhece a dissolução e prepara outros nascimentos.

Cerridwen aparece como uma força que nutre e devora, gera e recebe de volta. A imagem da Grande Mãe reúne criação e dissolução, origem e retorno. Sua ação no mito recorda que a existência participa de um ciclo em que aquilo que parece terminar pode encontrar uma nova maneira de se manifestar.

Nesta etapa, vamos aprofundar as formas animais, a integração da Terra, das Águas e do Céu e o nascimento de Taliesin. O sentido iniciático será acompanhado pela relação entre a experiência interior e a vida concreta, onde a sabedoria precisa encontrar lugar.

A apostila também apresenta a preparação dos instrumentos para a autodedicação. Esse rito deverá ser retomado após a conclusão de toda a formação e o preparo das ferramentas, conforme a orientação da fonte. Conhecê-lo agora permite compreender seu lugar na sequência; sua realização pertence ao momento em que os estudos necessários tiverem sido concluídos.





Os animais e o sagrado selvagem

A fuga de Gwion passa por sucessivas formas animais. Esse tema aparece em diferentes tradições xamânicas e, na leitura espiritual adotada pela Tradição, revela uma relação íntima entre seres humanos e animais. As metamorfoses oferecem maneiras de conhecer a existência a partir de perspectivas que ultrapassam nossa experiência habitual.

Os animais podem ser reconhecidos como portadores de sabedoria, guardiões de mistérios e expressões vivas do sagrado. Cada espécie apresenta qualidades próprias e uma maneira singular de habitar o mundo. A narrativa convida a aprender com os irmãos alados, terrestres e aquáticos, reconhecendo que a vida humana não reúne sozinha todas as possibilidades de conhecimento.

As formas escolhidas pertencem ao universo natural observado pelos povos que transmitiram essas narrativas. Participam do cotidiano e dos ritmos sazonais, aparecendo em diferentes épocas e situações. A transformação de Gwion acompanha, assim, uma natureza que também se modifica continuamente.

A caçada de Cerridwen traz outro encontro: aquele com nossa dimensão selvagem. Esse selvagem não equivale a violência ou caos. Ele representa uma vitalidade sagrada que frequentemente tentamos domesticar em nome da civilização. Sua presença pode revelar aspectos instintivos e criadores que foram afastados de nossa imagem consciente.

A iniciação pede uma reconciliação com essa natureza. Integrar conscientemente o instinto permite reconhecer nele uma fonte de criatividade, vitalidade e transformação. Em cada par de presa e predador, o mito apresenta uma polaridade dinâmica: uma forma encontra outra, e a consciência é chamada a continuar seu movimento.





A Terra • Lebre e cão de caça

Gwion assume a forma de uma lebre, enquanto Cerridwen se torna um cão de caça. Em algumas versões, esse cão é apresentado como um galgo. A perseguição começa no domínio da Terra, onde a velocidade da fuga encontra uma força capaz de acompanhá-la. A nova forma não oferece ao jovem uma saída definitiva.

O cão evoca fidelidade, proteção e companheirismo. A lebre se associa à fertilidade, à renovação e à abundância da vida. Essas qualidades ampliam a imagem do confronto. A narrativa reúne forças que pertencem à vitalidade da natureza, em vez de apresentar somente dois adversários sem relação entre si.

A forma da lebre permite a Gwion experimentar uma maneira de existir ligada à renovação. O cão que o segue recorda outras qualidades dessa mesma comunidade de vida. Presa e predador participam de uma dinâmica contínua, na qual a tentativa de escapar prepara a passagem para outro domínio.

O sentido iniciático dessa polaridade está no movimento. A transformação não se limita a escolher uma imagem agradável de si e permanecer nela. Uma forma assumida encontra seus limites e abre caminho a outra. A sabedoria começa a ser vivida quando o conhecido deixa de oferecer todas as respostas.

A Terra aparece como o primeiro dos Três Mundos atravessados na caçada. Esse domínio conserva sua presença ao longo do percurso, mas não encerra todas as possibilidades da experiência. Gwion precisará passar pelas Águas e pelo Céu. A jornada sugere que amadurecer exige integrar diferentes dimensões da vida, sem reduzir o sagrado a uma única forma de relação com o mundo.





As Águas • Salmão e lontra

Quando a fuga pela Terra se torna insuficiente, Gwion mergulha no rio e transforma-se em salmão. Cerridwen toma a forma de uma lontra e continua a perseguição. A passagem modifica o meio, o corpo e o modo de se mover, mas mantém o encontro com a força transformadora da Deusa.

O salmão ocupa um lugar importante no simbolismo da sabedoria evocado pela fonte. Sua imagem reúne esforço e perseverança: ele nada contra a corrente e busca sua origem. O percurso convida a pensar um conhecimento que exige coragem para seguir numa direção diferente daquela para a qual somos arrastados.

A lontra transita entre a terra e a água. Na interpretação do mito, ela representa flexibilidade e equilíbrio, sem abandonar a leveza, a alegria e a espontaneidade. Sua maneira de habitar diferentes meios oferece uma imagem para atravessar mudanças sem perder inteiramente a capacidade de estar presente à vida.

Essas duas formas revelam qualidades complementares. O esforço do salmão e a mobilidade da lontra pertencem ao mesmo movimento de transformação. A jornada pede perseverança, mas também capacidade de mudar a relação com as condições encontradas. Cada animal apresenta um ensinamento próprio dentro da sequência.

As Águas constituem o segundo domínio atravessado por Gwion. Seu sentido não se esgota no rio da perseguição: elas também se relacionam com o Outro Mundo e com os lugares de passagem. A imagem do mergulho aproxima a narrativa dos mistérios em que a experiência visível encontra dimensões menos familiares da existência.





O Céu e a integração dos Mundos

Gwion deixa o rio e toma a forma de um pássaro. Cerridwen se transforma em falcão e o acompanha pelo Céu. A perseguição alcança uma dimensão de voo, na qual a paisagem pode ser percebida de outra altura. A experiência se amplia, embora o jovem ainda não tenha concluído sua passagem.

O pássaro e o falcão evocam a dimensão espiritual, a ampliação da consciência e a possibilidade de contemplar a realidade de uma perspectiva mais elevada. O voo permite enxergar aspectos que permanecem fora do horizonte de quem está próximo ao solo. A mudança de posição altera aquilo que pode ser percebido.

A sequência reúne, assim, os Três Mundos. A lebre e o cão de caça expressam a Terra; o salmão e a lontra, as Águas; o pássaro e o falcão, o Céu. O percurso passa por cada domínio e os inclui numa mesma jornada. Nenhuma dessas dimensões, isoladamente, oferece a totalidade da experiência iniciática.

Integrar os Mundos significa reconhecer que a vida e o sagrado possuem diferentes modos de manifestação. A transformação da consciência encontra o corpo, os vínculos com a natureza, os limiares e a inspiração. A passagem entre formas mostra que essa integração é vivida em movimento.

Na cosmologia espiritual apresentada pela formação, o Céu é a morada dos Deuses e das grandes potências que sustentam a ordem do cosmos. Ele representa também transcendência, inspiração e consciência ampliada. Essa dimensão participa do cotidiano por meio dos ritos, das preces, das oferendas e da relação com a natureza, oferecendo orientação e sentido, tanto pelo amparo quanto pelos desafios do encontro com o divino.





A água como limiar

Rios, lagos, fontes e nascentes aparecem na leitura da cosmologia celta como lugares de encontro com o Outro Mundo. A água pode ser percebida como portal e espaço de comunicação com a dimensão espiritual. Seu lugar na paisagem também se torna um lugar de passagem entre realidades.

A fonte relaciona essa compreensão às libações, às oferendas e ao depósito de objetos sagrados nas águas. Esses gestos exprimem uma relação com o invisível e reconhecem a água como limiar. A referência ajuda a compreender o simbolismo das narrativas, sem acrescentar uma nova orientação ritual a esta etapa de estudos.

Em diferentes mitos, divindades, heróis e seres sobrenaturais emergem das águas. O lago pode apresentar-se como lugar de nascimento, revelação e iniciação. A superfície que parece delimitar um elemento natural também marca a passagem pela qual algo de outra dimensão chega à experiência humana.

O ciclo do rei Arthur oferece uma imagem conhecida: a Dama do Lago, guardiã de Excalibur, emerge das águas e entrega ao rei a espada sagrada. Na leitura proposta, essa entrega constitui uma investidura espiritual. A força que concede a espada vem do Outro Mundo e estabelece uma relação que ultrapassa a posse de um objeto.

A água reúne, portanto, natureza e mistério. Ela é um lugar de transformação e de acesso ao sagrado. No mito de Taliesin, essa imagem volta a aparecer quando a criança é entregue às águas e encontra outro destino. O meio aquático participa tanto da fuga quanto da chegada a uma nova existência, ligando diferentes momentos da jornada.





A Terra como ecologia sagrada

A Terra pode ser compreendida como território de presenças visíveis e invisíveis. Animais, plantas e seres humanos participam de sua vida manifesta, mas a leitura espiritual da formação também reconhece espíritos relacionados às árvores, às rochas, às montanhas, às nascentes e aos lugares considerados sagrados.

Essas presenças são aproximadas daquilo que hoje costumamos chamar de espíritos elementais. O nome contemporâneo ajuda a estabelecer uma referência para o estudo, enquanto a imagem central permanece: a paisagem não é apenas cenário. Ela participa de uma relação viva com a dimensão espiritual.

O solo em que caminhamos pode ser percebido como parte de uma comunidade de existência. Algumas formas de ser são alcançadas pelos sentidos; outras pertencem, nessa compreensão religiosa, às dimensões sutis. O lugar guarda uma presença, uma memória e um mistério que convidam ao reconhecimento de sua singularidade.

Respeito, reciprocidade e reverência são atitudes ligadas a essa ecologia sagrada. Reconhecer a vida do mundo modifica a posição de quem o habita. A natureza deixa de ser somente um conjunto de recursos disponíveis e passa a participar de uma trama de relações na qual também estamos inseridos.

A Terra e o Céu não se apresentam como realidades sem comunicação. A fonte descreve a aproximação com os Deuses por meio da prática espiritual e do vínculo sagrado com a natureza. Busca-se presença, inspiração e favor, reconhecendo que o encontro com as forças divinas também pode desafiar quem se afasta da harmonia com a ordem do mundo. Os Três Mundos oferecem uma imagem dessa existência em diálogo.





O grão e o ventre de Cerridwen

A última fuga leva Gwion a uma pilha de trigo. Ele se transforma num grão, e Cerridwen assume a forma de uma galinha preta para encontrá-lo e engoli-lo. A cena parece anunciar uma destruição definitiva. Na leitura iniciática, porém, ela apresenta o limiar de uma nova gestação.

Gwion é concebido novamente. O ventre da Deusa torna-se o lugar em que sua existência ganha outra forma, preparando aquele que nascerá como Taliesin. A força que o perseguiu também o acolhe em sua profundidade. Devoração e criação aparecem como aspectos de um mesmo mistério de transformação.

Essa passagem pode ser aproximada da noite escura da alma. Há momentos em que sentimos que todos os esforços foram inúteis, que as circunstâncias nos venceram ou que fomos engolidos por forças maiores. A consciência encontra vazio, silêncio e incerteza, enquanto suas antigas referências deixam de oferecer sustentação.

A metáfora do ventre apresenta a possibilidade de que algo esteja sendo elaborado nas camadas profundas do ser. Esse processo escapa ao controle imediato. Uma nova identidade se prepara em um tempo de espera, no qual pouco parece acontecer à superfície, embora o interior permaneça em movimento.

O sentido do mito está na transformação que pode amadurecer nesse recolhimento. Sua imagem não dispensa o discernimento estudado nas ordálias: reconhecer o valor simbólico de uma travessia não torna qualquer sofrimento necessário ou desejável. A leitura do grão permite compreender como o fim de uma forma pode participar da preparação de outra, sem reduzir a experiência humana a uma garantia de renascimento automático.





Entre Samhain e Yule

O ventre de Cerridwen encontra uma correspondência simbólica no período entre Samhain e Yule. A Roda do Ano apresenta um movimento de recolhimento, dissolução e retorno da luz. A natureza oferece imagens para compreender uma experiência interior que também possui tempos de silêncio e de gestação.

Samhain se relaciona ao encontro com a morte simbólica e ao mergulho na escuridão. Yule celebra o retorno da luz e a possibilidade de um novo nascimento. Entre esses marcos, a transformação pode ser imaginada como uma elaboração fecunda que ainda não se tornou visível.

O intervalo possui valor próprio. A espera não é apenas um obstáculo entre duas etapas mais importantes. Ela participa do processo pelo qual aquilo que se dissolve encontra condições para uma nova expressão. O mito convida a reconhecer esse tempo sem exigir que todo movimento seja imediatamente percebido pela consciência.

A iniciação pede coragem para atravessar esse espaço de aparente vazio. Na linguagem espiritual da Tradição, a confiança sustenta a possibilidade de que a vida continue preparando outros modos de existir, mesmo quando as referências antigas já não se apresentam da mesma maneira.

Essa relação entre o mito e a Roda do Ano amplia o sentido das metamorfoses. A jornada acompanha ciclos naturais, atravessa formas e encontra recolhimento antes do renascimento. O retorno da luz não elimina o que foi vivido na escuridão: passa a carregar sua elaboração. A vida que emerge traz consigo uma experiência transformada, capaz de encontrar outra presença no mundo.





Renascer e caminhar por si

A criança concebida por Cerridwen nasce luminosa. A Deusa, que havia planejado matá-la, não consegue cumprir sua intenção. Ao contemplá-la, encontra uma existência profundamente transformada. A narrativa apresenta uma mudança também na relação entre a força que perseguia e aquele que agora veio ao mundo.

Cerridwen entrega a criança às águas, confiando-a ao destino. O relato mítico apresentado anteriormente a coloca num saco de couro; a leitura simbólica da fonte também utiliza a imagem de um cesto. Em ambas, o gesto marca o afastamento do ventre e a abertura para uma jornada que precisa prosseguir.

Os Deuses oferecem amparo, inspiração e meios de transformação, mas não percorrem o caminho por nós. Receber a sabedoria não retira todas as provas. O nascimento abre a necessidade de viver com os próprios passos e encontrar uma maneira de integrar aquilo que foi experimentado.

Gwion renasceu, mas ainda precisa amadurecer para viver plenamente como Taliesin. Ser lançado à própria sorte simboliza o momento em que a iniciação deixa de ser apenas um acontecimento e começa a se tornar uma forma de existência. A passagem precisa encontrar continuidade na vida concreta.

O encontro com Elphin, o filho do rei, representa outra integração. Aspectos que aguardavam lugar na experiência começam a se reconciliar. A sabedoria já não pertence apenas ao interior do caldeirão ou ao ventre da Deusa: chega ao mundo das relações. Aquilo que somos encontra aquilo que estamos destinados a nos tornar, e o mito apresenta uma nova possibilidade de reconhecimento.





O próprio Taliesin

O nome Taliesin é compreendido na fonte como “testa brilhante” ou “fronte radiante”. Sua luminosidade se aproxima do valor simbólico da cabeça na espiritualidade celta: sede da alma, da consciência e da sabedoria. O crânio se relaciona, nessa leitura, à memória, à força espiritual e ao vínculo com os ancestrais.

A luz do bardo representa uma possibilidade de nosso próprio processo de transformação. O percurso recorda o que Carl Gustav Jung chamou de individuação: tornar-se verdadeiramente quem se é. Nesse sentido, a nova identidade não é apenas uma personagem inventada, mas a manifestação de potencialidades que permaneciam latentes.

A Wicca, a Tradição de Taliesin e outras sendas iniciáticas podem favorecer esse reconhecimento. Seu propósito não se esgota em oferecer respostas prontas. Elas convidam a descobrir potencialidades, integrar sombras e reconhecer uma sabedoria interior que precisa de condições para emergir e ser vivida.

Taliesin ultrapassa, assim, o lugar de personagem de um antigo mito galês. Ele expressa uma possibilidade presente em cada pessoa. Sua jornada permite pensar o encontro entre inspiração e esforço, entre o conhecimento recebido e a experiência necessária para transformar a maneira de estar no mundo.

Como você reconhece o próprio Taliesin? Em quais momentos percebe uma sabedoria interior que o convida a viver com mais consciência, integridade e verdade? Essas perguntas acompanham a reflexão final do mito. A resposta não precisa encerrar a experiência: pode permanecer aberta, enquanto o caminho revela outras formas de reconhecer quem somos e de integrar aquilo que nos tornamos.





Exercício 4 • Preparação

Preparação dos instrumentos para a autodedicação

Retorne a este exercício depois de concluir toda a formação. Os instrumentos mágicos são extensões da vontade, da intenção e da prática do bruxo; por isso, são pessoais e estabelecem uma relação íntima com quem os utiliza. Este ritual dispensa temporariamente a necessidade do Círculo Mágico.

Alguns desses instrumentos poderão ser confeccionados por você mesmo. Outros, como o caldeirão e o athame, talvez precisem ser adquiridos. Ainda assim, procure sempre torná-los verdadeiramente seus.

Antes de serem utilizados na Autodedicação e nas demais práticas da Tradição de Taliesin, os instrumentos deverão ser consagrados após terem sido confeccionados ou preparados conforme o estudo dos instrumentos sagrados, na Apostila 10.

Preparação do altar

Cubra seu altar, ou uma mesa destinada ao ritual, com uma toalha branca. O altar deverá estar orientado para o Norte. Disponha sobre ele:

Uma vela verde;
incensário com o incenso que será utilizado;
uma tigela com água;
uma tigela com sal;
uma pequena colher para misturar a água e o sal.

O rito continua nas páginas seguintes. As fórmulas e a ordem das ações preservam a proposta da fonte. A numeração como Exercício 4 dá continuidade aos três exercícios já apresentados nesta formação.





Exercício 4 • Abertura e elementos

Entre em estado meditativo. Acenda a vela verde e permaneça alguns instantes em silêncio. Em seguida, pronuncie:

Em nome da Paz.

Da Paz que habita no Leste.

Da Paz que habita no Sul.

Da Paz que habita no Oeste.

Da Paz que habita no Norte.

Da Paz que habita acima.

Da Paz que habita abaixo.

Da Paz que habita entre e através de nós.

Em nome de Cerridwen e Herne, por todos os atos de Amor e Beleza, por Awen, que assim seja.

Em seguida, imponha suas mãos sobre a água e diga:

Que esta água seja purificada em nome do Mar e da Lua.

Depois, coloque suas mãos sobre o sal e diga:

Que este sal seja abençoado pelas montanhas e pela Terra firme.

Acrescente três porções pequenas de sal à água e com a colher misture delicadamente. Segure então o incenso entre as mãos e diga:

Que os poderes do Ar e do Fogo aqui contidos elevem minhas preces ao coração dos Deuses, Cerridwen e Herne, para que sempre prevaleça a Paz. Que assim seja.





Exercício 4 • Cada instrumento

Consagre seus instrumentos um a um. Você pode seguir a seguinte ordem:

Athame;
Bastão;
Cálice;
Pentáculo;
Caldeirão;
Vassoura;
Incensário;
Cordão;
Túnica;
Oráculo de Cerridwen;
Livro das Sombras.

Caso deseje, poderá adaptar essa ordem conforme considerar mais apropriado.

Antes de iniciar a consagração de cada instrumento, permaneça diante do altar e diga:
Nesta hora de poder, eu, (diga seu nome civil), peço o auxílio e a proteção da Deusa Cerridwen e do Deus Herne para consagrar estas ferramentas sagradas ao ofício da Tradição de Taliesin.

Em seguida, asperja o instrumento com a água preparada e diga:
Eu purifico esta ferramenta, (diga o nome do instrumento), pela Água e pela Terra. Que assim seja.

Depois passe-o lentamente pela fumaça do incenso, dizendo:
Eu purifico esta ferramenta, (diga o nome do instrumento), pelo Ar e pelo Fogo. Que assim seja.





Exercício 4 • Dedicção e conclusão

Terminada essa etapa, segure o instrumento junto ao peito, abraçando-o por alguns instantes e permitindo que sua energia e sua intenção se unam a ele. Então diga:

Eu, (diga seu nome civil), pelo Ar, pelo Fogo, pela Água e pela Terra, em honra e serviço à Deusa Cerridwen e ao Deus Herne, dedico esta ferramenta, (diga o nome do instrumento), ao ofício da Tradição de Taliesin. Que, a cada Lua e a cada mudança de estação, seu poder se renove, aumente e se triplique. Que ela me auxilie em meu caminho de bem-aventurança, crescimento e evolução, para honrar Cerridwen e Herne, sempre em nome do Amor e da Beleza. Por Awen, que assim seja.

Ao finalizar, beije respeitosamente o instrumento e apresente-o aos quatro quadrantes Leste, Sul, Oeste e Norte, reconhecendo sua integração ao círculo sagrado da tradição.

Repita esse procedimento com cada um dos instrumentos.

Após concluir a consagração, permaneça alguns instantes em silêncio e agradeça aos Deuses pela presença e pela inspiração recebidas.

Se desejar, ofereça uma pequena libação como gesto de gratidão. Você poderá ofertar um pouco de vinho, um pedaço de pão, flores ou qualquer outro elemento que considere significativo para Cerridwen e Herne. Hidromel, manteiga, leite ou pão com creme seriam bastante apropriados.

Mais do que consagrar objetos, este rito marca o momento em que seus instrumentos deixam de ser simples utensílios e passam a tornar-se companheiros de sua jornada espiritual. A partir desse instante, eles carregam não apenas um simbolismo, mas também a memória da sua dedicação e do compromisso assumido com a Tradição de Taliesin.





Continuidade da formação

A jornada de Gwion reúne os domínios da Terra, das Águas e do Céu antes de alcançar o recolhimento e o renascimento. A sabedoria recebida precisa atravessar a existência, integrar-se às relações e amadurecer numa maneira de viver. Taliesin oferece uma imagem dessa possibilidade interior.

O Exercício 4 deverá ser retomado após a conclusão da formação e a preparação dos instrumentos. A apresentação do rito nesta etapa conserva a sequência da fonte. Os estudos do Círculo Mágico e dos instrumentos sagrados serão desenvolvidos nas próximas apostilas, antes da autodedicação.

Base desta apostila

LOURENÇO, Sérgio. *O Caldeirão & a Espada: O Caminho Taliesiniano de Wicca*. Manuscrito fornecido pelo autor. Lição “Cerridwen e Taliesin”: leitura das metamorfoses, dos Três Mundos, da gestação, do renascimento e da individuação; exercício de preparação dos instrumentos para a autodedicação.

A teoria foi reescrita para esta formação. As ações e fórmulas do exercício foram preservadas; as remissões ao percurso de estudos foram adaptadas à sequência das apostilas. O exercício numerado como 3 na fonte aparece aqui como Exercício 4, em continuidade com a proposta de imaginação apresentada na Apostila 6.

Próxima etapa

Apostila 09 · O Círculo Mágico. O percurso segue para o espaço sagrado e para as práticas de preparação da experiência ritual, mantendo o desenvolvimento gradual da formação.

